



ESTUDANTES ORGANIZAM BIOSEMANA E ENCANTAM COLEGAS

Página 7

Meu
APARELHO
Minhas
REGRAS



Diretoria do Andes insiste em não se envolver em processo eleitoral e alega razões burocráticas para refutar apoio à candidatura de Lula, a única com condições reais de derrotar o fascismo de Bolsonaro. Em reunião do setor de federais, diretoria é derrotada e assembleias vão debater o tema ainda em agosto. Direção da AdUFRJ convoca assembleia para dia 31.

Páginas 2 a 5



EDITORIAL

CAR@ COLEGA

DIRETORIA

Embora separados por mais de cinco séculos, os integrantes da atual diretoria do Andes e os monges hesicastas do Império Bizantino guardam similaridades impressionantes. Duas delas são notáveis: a capacidade de abstração da realidade e a convicção de que o próprio umbigo é o centro do universo.

A postura dos monges hesicastas foi determinante para a queda do Império Bizantino, que viveu seu auge no século XI e mergulhou em declínio a partir do final do século XIV. Sob a iminência de um ataque dos turcos otomanos — que viria a se concretizar, levando à queda de Constantinopla em 1453 —, o império tinha como única tentativa de resistência uma aliança política e militar com o Ocidente, sendo vital para isso uma reunificação da Igreja Bizantina com a Igreja Católica. Indiferentes à realidade, os monges hesicastas foram contrários à aliança. Isolados em seus mosteiros, eles preferiram seguir com a prática da onfaloscopia — a observação do próprio umbigo, enquanto repetiam uma mesma oração. No mundo real, o império ruía.

É também com uma admirável capacidade de abstração da realidade que a diretoria do Andes tem conduzido o sindicato neste crucial momento do país. Com uma genérica posição de “Fora, Bolsonaro”, o sindicato nacional se exime de apoiar a única candidatura com potencial para varrer do Planalto o governo fascista de Jair Bolsonaro: a de Luiz Inácio Lula da Silva (PT). O Andes sequer encaminhou o debate sobre a eleição presidencial para discussão em suas instâncias de decisão. Com requintes de abstração, convocou para 28 de setembro — quatro dias antes do 1º turno — uma reunião de seu GT de Política Agrária, Urbana e Ambiental para debater, entre outros temas, o Plano Nacional de Mineração 2030 e 2050.

Mas, na última reunião do Setor de Instituições Federais de

Ensino, nos dias 6 e 7 de agosto, a diretoria do Andes foi voto vencido: ficou decidido que as federais farão assembleias até o final deste mês para debater as eleições. Alvíssaras: foi a primeira vez que o setor aprovou uma decisão contrária à direção nacional. Anote aí na agenda: a assembleia da AdUFRJ será no dia 31. Confira tudo em nossa matéria da página 4.

Enquanto o Andes prefere olhar para o próprio umbigo e repetir velhas orações, 124 ex-dirigentes e reitores não empossados de 54 universidades federais tomaram posição. Eles assinaram um manifesto em defesa da Democracia e em apoio à candidatura do ex-presidente Lula, como detalha nossa matéria da página 3. O documento foi entregue ao próprio candidato no dia 15, em aula aberta na USP. Assinam o manifesto quatro ex-reitores da UFRJ: Alexandre Pinto Cardoso, Nelson Maculan, Carlos Levi da Conceição e Roberto Leher.

A urgência de o movimento docente se engajar na campanha presidencial também foi o mote do debate do programa Contramola, no último dia 10, como mostra a matéria da página 5. As professoras Mayra Goulart, vice-presidente da AdUFRJ, e Elisa Guaraná, presidente da Adur-RJ, falaram sobre a crise nas universidades federais, asfixiadas pelos cortes orçamentários, e a necessidade de um posicionamento firme do Andes para a derrota nas urnas do governo Bolsonaro, com o apoio à candidatura Lula, tirando o sindicato nacional de sua letargia monástica.

Completem esta edição os estudos para a ampliação dos serviços jurídicos da AdUFRJ, na página 6; as atividades da 26ª BioSemana da UFRJ, na página 7; e, na página 8, a bela homenagem a Alex Schomaker Bastos, estudante de Biologia da UFRJ assassinado em 2015: ele agora batiza uma nova espécie de vaga-lume.

Faltam menos de 50 dias para as eleições de outubro. Ainda há tempo para os que praticam a onfaloscopia atentarem para a gravidade do momento. Afinal, não existe só um umbigo no mundo.

Boa leitura!

ADUFRJ APOIOU ALMOÇO COLETIVO NA LAPA

A AdUFRJ apoiou a realização de um almoço coletivo, na quarta (17), para marcar o Dia Nacional de Luta da População em Situação de Rua. Os professores João Torres e Mayra Goulart participaram do evento organizado pela Coordenação Estadual do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). “A AdUFRJ se apresenta como um sindicato de luta e entende esta luta em várias esferas, incluindo a parceria com os movimentos sociais”, afirma Mayra.

Houve atividades culturais e distribuição de 300 quantidades, no Largo da Lapa. Uma ação que ganha significado especial no governo de Jair Bolsonaro. De acordo com o 9º Boletim Desigualdade nas Metrópoles, divulgado neste mês e elaborado a partir de dados do IBGE, a pobreza alcançou 19,8 milhões de moradores das regiões me-



FOTOS: ALESSANDRO COSTA



tropolitanas do Brasil em 2021, o equivalente a 23,7% dos habitantes dessas cidades. Foi o maior número regis-

trado desde o início da série histórica, em 2012. “Derrotar Bolsonaro nas urnas significa superar um legado de miséria. O combate à fome é a principal bandeira da frente ampla formada em torno da candidatura de Lula, a única capaz de operar essa derrota”, completa

Mayra.

Integrante da coordenação estadual do MTST, Vinícius Martins acrescenta que Bolsonaro desmontou toda a rede de cuidado com os mais vulneráveis. “O MTST é um movimento de luta pela reforma urbana e que tem na moradia sua principal pauta. Mas, nos últimos anos, com o aumento da fome em níveis inacreditáveis no Brasil, passamos a empreender o projeto de cozinhas solidárias”, diz. Hoje, são 31 cozinhas espalhadas por 13 estados e que podem ser apoiadas com doações pelo link <https://apoia.se/cozinhasolidaria>.

A Cozinha Solidária da Lapa, inaugurada em novembro de 2021 também com apoio da AdUFRJ, serve refeições aos entregadores de aplicativos (terças); para a população em situação de rua (quartas); e para os camelôs (quintas e sextas). (Kelvin Melo)

CONVÊNIO

Os professores filiados à AdUFRJ contam com um setor de convênios, que firma parcerias com empresas prestadoras de serviços em diferentes áreas (veja relação abaixo). A proposta é oferecer descontos em estabelecimentos como escolas, cursos, academias, clínicas estéticas e de saúde, entre outros. Para mais informações, os interessados podem entrar em contato com Meriane, no tel: (21) 99358-2477 ou pelo e-mail: meriane@adufrrj.org.br.

RIO DE JANEIRO



CLUB PET



MAPLE BEAR TIJUCA



MIT CUIDADORES



ACADEMIA TIJUCA FIT



MADONA CLINIC



PSICARE



FISIOTERAPIA RJ LTDA



CRECHE AMANHECENDO



CRECHE ESCOLA RECRIAR



CESTA CAMPONESA DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS



ROÇA URBANA ORGÂNICOS



JC LUZ CORRETORA



FLORA ENERGIA SUSTENTÁVEL



BAUKURS CENTRO DE ATIVIDADES CULTURAIS



ESCOLA ALFA



CLÍNICA ESTAÇÃO CORPORAL



HUMANA CLÍNICA MULTIDISCIPLINAR



MAIS FITNESS ACADEMIA



CORPUS CENTRO DE QUALIDADE DE VIDA



INSPIRE ENERGIA SOLAR



KALUNGA PAPELARIA



DROGARIA RAIÁ

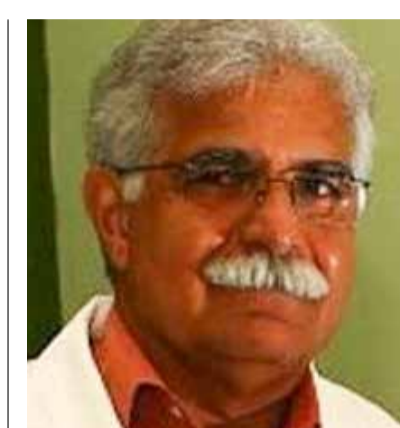
Ex-reitores em defesa da Democracia e de Lula

> Quatro ex-dirigentes da UFRJ engrossam manifesto de ex-reitores em apoio a Lula. No documento, eles explicitam a necessária articulação de uma frente ‘transpartidária’ contra Bolsonaro

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

Alexandre Cardoso, Nelson Maculan, Carlos Levi da Conceição e Roberto Leher são os quatro ex-reitores da UFRJ que assinam um manifesto em defesa da Democracia e em apoio à candidatura do ex-presidente Lula. O documento teve adesão de 124 ex-dirigentes e reitores eleitos mas não empossados por Bolsonaro de 54 universidades federais de todo o país. Na carta, eles falam sobre as ameaças de destruição da universidade, denunciam os ataques à Ciência e à Democracia, mas demonstram esperança na construção de uma aliança “transpartidária” para derrotar Bolsonaro.

A carta foi divulgada no dia 15 e entregue ao ex-presidente Lula na USP, durante uma aula aberta sobre “Universidade Pública e Democracia”. “Conseguimos apoio de ex-reitores de todos os estados brasileiros, de todas as regiões do país. A carta explicita



ALEXANDRE CARDOSO reitor da UFRJ entre 1989 e 1990



NELSON MACULAN reitor da UFRJ entre 1990 e 1994



CARLOS LEVI DA CONCEIÇÃO reitor da UFRJ entre 2011 e 2015



ROBERTO LEHER reitor da UFRJ entre 2015 e 2019

o posicionamento da educação federal brasileira”, argumenta o professor emérito da Coppe, Nelson Maculan, reitor da UFRJ entre 1990 e 1994. “Nossas universidades estão mais diversas. Hoje há alunos de todas as cores graças à Lei de Cotas, que foi uma conquista para todos nós e fortaleceu nossa democracia. Só conseguiremos ampliar essa diversidade com Lula”, defende.

Maculan explica que a carta foi pensada e entregue ao ex-presidente Lula porque ele é o único candidato capaz de enfrentar Bolsonaro. “É quem pode trazer o país de volta para o caminho do desenvolvimento social e econômico, para a tra-

dição democrática”, diz. “O governo atual é terrível em todos os níveis. É tarefa de todos nós, democratas, elegermos Lula”.

Para o professor Alexandre Pinto Cardoso, reitor da UFRJ entre 1989 e 1990, o país passa por um momento de “aguda inquietude” que ameaça os princípios de uma nação soberana. “É dever de todos que defendem o Estado Democrático de Direito tomar uma posição”, afirma. “Nesse sentido, e com profunda convicção democrática, subscrevi o manifesto”, comenta.

Reitor da universidade entre 2011 e 2015, o professor Carlos Levi da Conceição considera que subscrever a carta é uma

obrigação dos ex-reitores de universidades federais por todo o legado deixado, sobretudo, pelos governos Lula. “Expansão, programas de reestruturação, todas as ações de fortalecimento das instituições”, elenca. “Por tudo isso, é mais do que nossa obrigação demonstrar, nesse momento que nossa pátria atravessa, o nosso agradecimento e o desejo de que esses tempos retornem para a nossa universidade e para o nosso país”.

Roberto Leher, reitor da UFRJ entre 2015 e 2019, acredita que o futuro das universidades depende da manutenção de um sistema democrático. “Na nossa avaliação, Lula é o candidato

com condições objetivas de derrotar Bolsonaro, que faz manifestações muito explícitas na direção de uma ruptura democrática”, analisa. “Nosso lugar é de autonomia para indicar que Lula é o único capaz de interromper esse processo de fascistização do Brasil”, explica. O apoio explícito à candidatura do ex-presidente se justifica, para Leher, pela singularidade do momento político.

“É um momento de perigo para a democracia. Pés-eleições é preciso que os setores se mantenham organizados para a defesa da educação pública”, finaliza o ex-reitor, professor titular da Faculdade de Educação.

TRECHOS DA CARTA (LEIA A ÍNTEGRA NO SITE DA ADUFRJ)

Iniciamos esta carta sob uma atmosfera de ameaça, mas também de muita esperança (...). Temos fé e confiança na possibilidade de uma grande aliança nacional, trans-partidária, em torno de interesses comuns à maioria do nosso povo. Queremos a pluralidade de ideias e a tolerância de todos os credos, a civilidade e a solidariedade humana, e lutaremos pelo fim das perseguições e discriminações contra os que pensam de formas distintas e são diferentes. Queremos uma sociedade construída segundo os preceitos mais elevados da humanidade e com dirigentes democraticamente escolhidos, capazes de valorizar a Educação, a Saúde, a Ciência, a Paz, sempre em defesa da Vida.

É com este intuito que ex-reitores e ex-reitoras manifestam seu apoio à candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência da República em 2 de outubro de 2022 (...).

Nossas universidades, particularmente as universidades públicas federais, são instituições voltadas para a construção de uma Nação forte, democrá-

tica e soberana. Mesmo nos momentos mais violentos e opressivos de nossa história, as instituições educacionais sempre souberam resistir. Juntos e juntas, buscamos soluções para os problemas do País, por meio da produção e da socialização do conhecimento. Foi assim durante a redemocratização após a ditadura militar, quando apoiamos a aprovação da Constituição Cidadã. Igualmente, as universidades federais se tornaram mais diversas e democráticas com a implementação de políticas de ação afirmativa. Como consequência das políticas de desconstrução das instituições federais, urge fortalecer seu caráter público, gratuito, laico, autônomo e de elevada qualidade acadêmica, em todas as áreas do saber.

Diante da barbárie em curso, mais uma vez somos instados pela conjuntura e pela história e vamos dar nossa contribuição diante do retrocesso que estamos vivendo (...). Nos últimos 6 anos, a partir da destituição ilegítima da Presidente Dilma Rousseff, o Brasil vive tempos sombrios. No cam-

po da Educação Pública, verificamos uma destruição geral das estruturas de Estado responsáveis pelas Políticas Públicas, como foi o caso do Ministério da Educação (...). A partir da Educação, houve um terrível avanço de forças antidemocráticas e do negacionismo contra a Saúde e a Ciência. Está em curso um processo de sufocamento orçamentário que nada tem a ver com questões fiscais, pois os cortes objetivam inviabilizar a existência das Instituições Federais de Ensino Superior (...).

A sociedade brasileira reconhece hoje, especialmente após a pandemia, que nossas universidades são as responsáveis por mais de 80% das pesquisas de nosso País (...). Vivemos um período de perseguição ao pensamento livre, de censura por meio do controle ideológico e da intimidação (...). Além disso, mesmo com preceitos constitucionais claros, a Autonomia Universitária foi ultrajada, especialmente com as nomeações pelo Presidente da República de mais de 20 reitores não eleitos por suas comunidades (...). Nós, dirigentes que tivemos

a oportunidade de viver intensamente nossas instituições e buscamos torná-las universidades a serviço da sociedade, do fortalecimento da esfera pública do Estado, do desenvolvimento humano, da Natureza e da Vida, não podemos aceitar que esse cenário sombrio tenha continuidade. Sabemos, também, que essas instituições serão fundamentais para o processo que virá depois das eleições em um governo democrático e com compromissos populares, liderado por Luiz Inácio Lula da Silva. Prova disso foi a atuação dos institutos de pesquisa e das universidades públicas diante da pandemia Covid-19, uma das maiores crises da história recente. Nos últimos 2 anos e meio, em movimento amplo e vigoroso, realizamos milhares de ações em mais de 500 municípios, e dando cobertura a mais de 40 milhões de pessoas. Ações que incluíram desde pesquisas sobre vacinas e métodos diagnósticos e tratamentos, como também o atendimento de comunidades mais vulneráveis, o combate à fome e à pobreza, além das ações de

comunicação para combater as notícias falsas que tornaram ainda mais letal essa doença avassaladora. Por todos esses motivos, apoiamos a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva, candidato que representa os valores democráticos que defendemos e que estará ao lado da Educação, da Cultura e da Ciência. Conclamamos a Sociedade Brasileira a apoiá-lo e a trabalhar em prol de sua eleição, para que nossas universidades não só continuem fazendo ensino, pesquisa e extensão de qualidade socialmente referenciada, mas para que possam também voltar a crescer de modo sustentável (...). Afirmamos nosso compromisso com as lutas democráticas para que a Sociedade Brasileira tenha a Nação que merece e necessita.

Vamos juntos e juntas! Conclamamos toda a comunidade educacional e toda a sociedade brasileira a se somarem ao movimento de eleição de Luiz Inácio Lula da Silva. O Brasil pode ser e há de ser!

(Leia a íntegra da carta no site da AdUFRJ: www.adufrrj.org.br)



ANDES não quer se envolver

> Oposição à direção nacional acusa uso do aparelho sindical para obstruir debate eleitoral. Reunião do setor das Federais decide que assembleias discutam a posição do Andes nas eleições de outubro

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

Associações docentes das universidades federais filiadas ao Andes deverão realizar assembleias até o final de agosto para discutir as eleições de 2022. Os professores vão avaliar, por exemplo, se o Sindicato Nacional deve ou não apoiar a candidatura de Lula à presidência. A decisão aconteceu na reunião do setor das federais, nos dias 6 e 7 de agosto, a contragosto do grupo que dirige o Andes. A AdUFRJ realizará sua assembleia no dia 31 e foi uma das principais articuladoras da reação contra a diretoria nacional. A capa do Jornal, de 22 de julho - que denunciou a dificuldade de o Andes enfrentar o debate eleitoral - ajudou a agregar os críticos contra a isenção do Andes. “Aquele capa rompeu a bolha sindicalista”, resume a professora Elisa Guaraná, presidente da Adur-RJ, a associação dos docentes da Rural do Rio. A tese defendida pela oposição à direção nacional é que os

docentes têm autonomia para indicar ao sindicato as ações necessárias à derrota de Bolsonaro já no primeiro turno. “Não se trata de uma postura político-partidária. É uma posição em defesa da democracia”, esclarece a professora Elisa Guaraná.

A professora Mayra Goulart, vice-presidente da AdUFRJ, também participou da reunião e foi uma das defensoras de que as assembleias debatêssem as eleições. Para ela, a direção nacional não contribuiu para a derrota de Bolsonaro. O Andes defende a máxima “Fora, Bolsonaro”, mas mantém isenção sobre qual candidatura fortalecer. “O ‘Fora, Bolsonaro’ é etéreo, porque não existe essa opção na urna”, explica Mayra. “A ação ‘Fora, Bolsonaro’ deve ser apoiar o candidato com maior viabilidade política, que é Lula”, afirma. “É fulcral para quem defende a universidade e o Estado Democrático de Direito”.

O placar foi apertado: 11x10, mas se traduziu num marco importante. Foi a primeira vez que o setor conseguiu aprovar uma posição contrária à da direção nacional. “Não é fácil vencer

uma eleição sobre a qual a diretoria tem uma posição contra, porque ela tem a mesa que conduz a discussão e a máquina burocrática nas mãos. Então, ela se utiliza de subterfúgios regimentais para obstruir, esvaziar o debate”, analisa o professor Paulo Vieira Neto, presidente da Associação da Universidade Federal do Paraná (Apufpr).

O tema só foi levado à votação no segundo dia de encontro, à tarde. “A reunião já estava esvaaziada, muitas pessoas tinham ido embora”, conta o professor Vieira Neto. Para ele, uma forma de a diretoria ganhar tempo e equilibrar o número de votos para a decisão. “Se a diretoria tivesse segurança sobre o apoio dos colegas que lá estavam, teria feito o debate já no primeiro dia”, considera.

A discussão foi apresentada pelo grupo que organiza o Renova Andes, principal núcleo de oposição à diretoria, mas teve apoio de associações que não se organizam pelo Renova. “O momento marca uma mobilização importante de oposição à diretoria nacional”, sublinha a professora Elisa Guaraná.

“É uma oposição a essa linha sistemática e persistente de fragmentação”, continua.

Para os críticos, falta comando na atuação do Andes. “Precisamos envolver esforços para derrotar Bolsonaro nas ruas e nas urnas. Mas nós perguntamos: como?”, questiona Elisa. “Acreditamos que este é o momento de o sindicato apresentar uma posição clara sobre o pleito. O único candidato com condições de derrotar Bolsonaro é Lula”, afirma. “Quando houve o ‘fora todos’ (durante o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, em 2016), a posição do Andes estava muito clara. Agora, o discurso é de isenção, mas esta é uma postura despolitizante”, critica.

BONDE DA HISTÓRIA

O professor Sidiney Ruocco Junior, presidente da Adufr, seno sindical da Federal de Uberlândia, também votou a favor da consulta. Ele é um dos que não se organizam pelo Renova Andes. “A diretoria e outras instâncias não podem ter luz própria. Elas devem ser reflexo do que dizem os professores nas

assembleias pelo país”, acredita.

Para ele, as ações de 11 de agosto explicitaram uma mensagem importante para a sociedade, principalmente para o Andes: de que é necessária uma frente verdadeiramente ampla para rechaçar qualquer tentativa de golpe. “Na hora de operacionalizar essa frente ampla, muitas pessoas não abrem mão de certas posições político-partidárias. Precisamos ter coerência entre discurso e prática”, critica. “O Congresso do Andes já tinha aprovado ações para derrotar Bolsonaro e isso envolve estratégia eleitoral”, argumenta.

O bonde da história não esperará pelo Andes, segundo o professor Fernando Cunha, diretor da Adufpb, Associação da Federal da Paraíba. “Para além das deliberações de assembleia, várias seções sindicais e docentes estão assinando manifestos de apoio a Lula. Esse movimento está acontecendo, não há como barrar”, constata o dirigente. “O Andes tem uma grande responsabilidade. Não pode ficar aguardando o que vai acontecer. Deve ter protagonismo político”, defende.

Andes. Ao contrário, acredita que é salutar que se ouça a base. “O que ficou decidido foi que o setor das IFES pautasse as eleições deste ano nas suas assembleias. Só isso foi aprovado, nada além”, afirma.

A dirigente argumenta que nenhuma seção sindical ou corrente política apresentou proposta de apoio a Lula ou a qualquer outro candidato à presidência nas instâncias de decisão do sindicato. “A posição da diretoria é aquela definida nas instâncias, de que não haverá apoio formal a nenhum candidato, porque não houve deliberação nessa direção nem no Congresso deste ano, nem no Conad (realizado em julho)”, diz. (Silvana Sá)

DERROTA

A docente não reconhece o resultado da reunião do setor das federais, dos dias 6 e 7 de agosto, como uma derrota política da diretoria nacional do

OUTRO LADO: A VERSÃO DA DIRETORIA DO ANDES

A professora Regina Moreira, secretária-geral do Andes, afirma que, mesmo que as assembleias de professores das universidades federais decidam pelo apoio a Lula, não há perspectiva de a diretoria do Andes seguir a decisão. “Não há deliberação congressual para isso”. De acordo com ela, o setor das federais não pode aprovar ações que dependam do aval das universidades estaduais, municipais e particulares “que também compõem o Andes”, diz a secretária-geral. “As federais vão ter o mês

de agosto para pautar isso nas assembleias e a autonomia de cada local vai indicar a estratégia a ser adotada. Não há previsão formal para que um setor delibere sobre todo o conjunto de professores representados”, completa.

A professora Regina também afirma que não há prazo para convocar um Conselho extraordinário do Andes para debater amplamente o assunto. “Já temos um Conad extraordinário agendado, não temos tempo para convocar outro, antes dessa, pra debater apoio a qualquer

candidatura. Regimentalmente precisamos de tempo para organizar um cronograma, abrir período para inscrições de textos que serão base para o debate”, explica.

Sobre ter uma estratégia eleitoral para combater Bolsonaro nas urnas, a diretora diz que o comando do Andes não tem aprovação para atuar eleitoralmente, mesmo em pleitos ocorridos em momentos delicados como o atual, em que a democracia está sob risco.

“Estratégico é ocupar as ruas, fazendo trabalho de base. Pre-

cisamos ir para a rua dizer para a população que passa fome que o auxílio emergencial vai até dezembro, que o auxílio gás no valor do botijão é eleitoireiro, que essas ações são uma enganação”, defende. “Se as ruas não estiverem fortes, as urnas não estarão garantidas. O bolsonarismo não está vencido”.

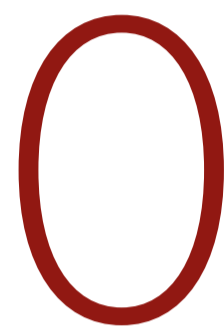
DERROTA

A docente não reconhece o resultado da reunião do setor das federais, dos dias 6 e 7 de agosto, como uma derrota política da diretoria nacional do

“Não dá para ficar em posição de neutralidade”

> Reflexão da professora Elisa Guaraná, da Associação de Docentes da Rural do Rio, sobre posição do Andes na eleição se somou às ponderações de Mayra Goulart em debate no canal Contramola

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br



debate eleitoral é central este ano e os professores estão preocupados com o tema. Apesar da gravidade política do momento, a diretoria do Andes não tem dado o devido espaço para a discussão. Essas impressões fizeram parte do programa Contramola, que convidou as professoras Mayra Goulart, cientista política e vice-presidente da AdUFRJ, e Elisa Guaraná, antropóloga e presidente da Adur-RJ (Associação de Docentes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro).

Convocado para discutir a crise nas universidades e o papel do Andes nas eleições 2022, o bate-papo aconteceu num canal do Partido dos Trabalhadores, no Youtube. A apresentação foi de Luiz Sérgio Canário.

A professora Elisa comentou o quanto o golpe de 2016, que tirou do poder a presidente Dilma Rousseff, impactou as instituições federais. Ataques que se acentuaram no governo de Jair Bolsonaro. “Já no governo Temer há mudanças significativas nas políticas públicas que vinham garantindo uma universidade para a juventude de periferia”, disse a professora.

“O Reuni (Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais) sem dúvidas foi um marco importante para a educação pública brasileira”, acredita a professora. “A gente teve uma mudança significativa no perfil do nosso alunado e na perspectiva de futuro para o país. Conquista que vem sendo desmontada”, analisou.

A asfixia financeira das universidades é uma das razões para que haja um engajamento forte nas eleições deste ano contra Bolsonaro. “Há universidades que não têm orçamento para daqui a dois meses. Por tudo isso, a Adur, a AdUFRJ e outras entidades entendem que essas eleições são uma espécie de tudo ou nada”, disse. “Precisamos apoiar a candidatura do presidente Lula. Não dá para ficarmos numa postura de neutralidade. Mas esse debate não é fácil para o Andes”, afirmou.

A docente defendeu que a defesa da candidatura de Lula é uma defesa da democracia. “Não queremos um sindicato partidariado, mas entendemos que o sindicalismo brasileiro precisa tomar posição contra o fascismo”, pontuou. “É preciso se manifestar em defesa da sociedade brasileira e essa defesa, nesse momento, é a eleição do presidente Lula”.

Elisa argumentou que o papel do sindicato não é se posicionar em eleições, a menos que o momento seja de crise. “É o que estamos enfrentando hoje. Por isso, nós que nos organizamos no Renova Andes (grupo de oposição à atual diretoria nacional) defendemos a importância de debater eleições. Esse tema não foi pautado pela diretoria nem no Congresso do Andes nem no Conad”, criticou.

Elisa também desaprovou a

ausência do Andes na Conferência Nacional de Educação (Conape), organizada pelo Fórum Nacional Popular de Educação, que aconteceu entre 15 e 17 de julho, em Natal (RN). “A diretoria do Andes marcou o seu Conselho, que aprova suas contas, para as exatas mesmas datas da Conape. Mais de três mil professores de todo o país se reuniram para discutir educação pública, mas a diretoria não entende a importância dessa instância”, lamentou.

Mayra Goulart, que estuda Bolsonaro e o bolsonarismo desde 2018, fez uma categorização sobre o atual presidente da República. “Bolsonaro é um inimigo inequívoco. Ele não se contradiz, é coerente no seu ataque às minorias, às classes populares e à pluralidade”, disse. “Ele se constrói como um sujeito que é homem, branco, hétero, cis e de classe média. Esse é o perfil identitário desse

sujeito político. Ele representa todo aquele que se percebe como vencedor, que não precisa de ajuda, o ‘cidadão de bem’, da família tradicional”.

Esse sujeito político, segundo Mayra, é incompatível com a ideia de conhecimento. “A Ciência se alimenta da pluralidade. Quanto mais diverso for o horizonte dos cientistas, mais soluções diversas poderão ser aportadas. O bolsonarismo ataca esse lugar de conhecimento, que é a universidade pública, porque ele não tolera a pluralidade”, analisou.

A vice-presidente da AdUFRJ citou os recentes estudos realizados pelo Observatório do Conhecimento — rede que reúne dez associações docentes — sobre cortes no orçamento e os ataques à liberdade de cátedra. “A gente calculou, até 2021, uma redução de R\$ 83,8 bilhões no Orçamento do Conhecimento (que engloba universidades

federais e Ministério da Ciência e Tecnologia). Há uma estimativa de chegar a R\$ 100 bilhões de cortes em 2022”, revelou.

Sobre os ataques à liberdade de cátedra, Mayra lamentou a tendência a um “conhecimento natimorto”. “Mais de 35% dos pesquisadores entrevistados revelaram que mudaram seu foco de pesquisa por medo de represália e 42% cercearam suas próprias aulas”, disse. “Ou seja, são conhecimentos cortados antes de nascer. Isso vai gerar um apagão do pensamento por conteúdos que não foram sequer trabalhados em sala de aula”. Para esta pesquisa foram ouvidos 1.116 cientistas.

Em relação ao Andes, Mayra declarou que esperava estar num sindicato que acolhesse suas preocupações. “Gostaria de ouvir que há uma discussão para reverter todos esses ataques sofridos pelas universidades e professores, que me protegesse, que me dissesse que há estratégias para informar a sociedade civil sobre esses cortes, que atuasse junto a parlamentares para defender a liberdade acadêmica”, elencou. “Mas eu chego no sindicato e escuto zero sobre isso. Eu escuto muito sobre Ucrânia, sobre refugiados, sobre o socialismo. Temas todos importantes se a gente não estivesse com o bode na sala. Nós temos um inimigo urgente. A gente não está num contexto normal”, desabafou. “Quando não vejo esse debate eleitoral pautado, fico me perguntando se a diretoria do Andes entende a singularidade dessa eleição”, questiona.



sujeito político. Ele representa todo aquele que se percebe como vencedor, que não precisa de ajuda, o ‘cidadão de bem’, da família tradicional”.

Esse sujeito político, segundo Mayra, é incompatível com a ideia de conhecimento. “A Ciência se alimenta da pluralidade. Quanto mais diverso for o horizonte dos cientistas, mais soluções diversas poderão ser aportadas. O bolsonarismo ataca esse lugar de conhecimento, que é a universidade pública, porque ele não tolera a pluralidade”, analisou.

A vice-presidente da AdUFRJ citou os recentes estudos realizados pelo Observatório do Conhecimento — rede que reúne dez associações docentes — sobre cortes no orçamento e os ataques à liberdade de cátedra. “A gente calculou, até 2021, uma redução de R\$ 83,8 bilhões no Orçamento do Conhecimento (que engloba universidades

federais e Ministério da Ciência e Tecnologia). Há uma estimativa de chegar a R\$ 100 bilhões de cortes em 2022”, revelou.

Sobre os ataques à liberdade de cátedra, Mayra lamentou a tendência a um “conhecimento natimorto”. “Mais de 35% dos pesquisadores entrevistados revelaram que mudaram seu foco de pesquisa por medo de represália e 42% cercearam suas próprias aulas”, disse. “Ou seja, são conhecimentos cortados antes de nascer. Isso vai gerar um apagão do pensamento por conteúdos que não foram sequer trabalhados em sala de aula”. Para esta pesquisa foram ouvidos 1.116 cientistas.

Em relação ao Andes, Mayra declarou que esperava estar num sindicato que acolhesse suas preocupações. “Gostaria de ouvir que há uma discussão para reverter todos esses ataques sofridos pelas universidades e professores, que me protegesse, que me dissesse que há estratégias para informar a sociedade civil sobre esses cortes, que atuasse junto a parlamentares para defender a liberdade acadêmica”, elencou. “Mas eu chego no sindicato e escuto zero sobre isso. Eu escuto muito sobre Ucrânia, sobre refugiados, sobre o socialismo. Temas todos importantes se a gente não estivesse com o bode na sala. Nós temos um inimigo urgente. A gente não está num contexto normal”, desabafou. “Quando não vejo esse debate eleitoral pautado, fico me perguntando se a diretoria do Andes entende a singularidade dessa eleição”, questiona.

NOVA FORMA DE DESMOBILIZAR

Aparentemente, a diretoria nacional encontrou mais uma forma de desmobilizar professores na reta final da campanha eleitoral. A tarefa urgente, entendida por boa parte dos docentes das universidades país afora, é derrotar Bolsonaro elege Lula no primeiro turno, em 2 de outubro. Mas o Andes acredita que é inadmissível realizar uma reunião plena do Grupo de Trabalho Política Agrária, Urbana e Ambiental (GTPAUA), no dia 28 de setembro. O evento acontece em Brasília e tem na programação discussão sobre catástrofes ambientais, injustiças sociais, planos nacionais de Mineração e Energia, além de teorizações sobre termos surgidos nos cadernos de textos dos últimos Conads e Congressos, como “bem viver, ecossocialismo, povos do campo, águas e florestas”.

“Essa convocação às vésperas das eleições é uma ilustração bem didática do que é a diretoria do Andes, que entende o sindicato como uma entidade de sindicalistas sempre ensinados pelas suas próprias questões”, critica a professora Mayra Goulart.

Para ela, tirar lideranças políticas de seus estados às vésperas das eleições demonstra como o grupo que comanda o Andes ignora a conjuntura nacional. “No pleito mais importante da nossa história, o Andes está mais preocupado em rever seus cadernos de texto”.

Eudes Baima, professor da Universidade Estadual do Ceará e liderança do Renova Andes, também critica a iniciativa. “O sindicato não pode paralisar as atividades por conta das eleições, mas há que ter bom senso”, ressalva. “A diretoria demonstra completo descolamento da conjuntura, até certa alienação em relação à realidade brasileira”, conclui.

DE COSTAS PARA A DEMOCRACIA

Apesar de ter assinado a Carta às Brasileiras e aos Brasileiros em Defesa do Estado Democrático de Direito, produzida pela USP e apoiada por mais de um milhão de pessoas, a diretoria do Andes não convocou os professores para participarem dos atos em que a carta foi lida país afora. A mobilização da direção nacional para o 11 de agosto focou nos atos de rua contra Bolsonaro que aconteceram nos estados. Para o professor João Torres, presidente da AdUFRJ, um gesto preocupante, considerando que a mobilização em torno da leitura da carta aconteceu, sobretudo, nas universidades. “Acho um equívoco e uma insensibilidade ao nosso momento político. É muito importante que a Fiesp, os banqueiros e a elite paulistana se posicionem a favor da democracia ao lado da UNE, das universidades e de toda a sociedade civil”, argumenta.

“Sabemos que essa carta foi uma manifestação gestada no ‘andar de cima’ da sociedade brasileira e isso faz com que setores mais setecários do nosso sindicato a encarem com desconfiança e mesmo com desdém”, avalia Torres. “Sabemos que houve manifesto contra a presidenta Dilma Rousseff pelos mesmos professores do Direito da USP, por exemplo, mas temos que lidar com essas contradições”, acredita o professor.

Para João Torres, a prioridade de todos os que têm compromisso com a democracia é o engajamento na campanha política para a Presidência da República. “A missão do momento é eleger Lula-Alckmin, não porque é a chapa dos nossos sonhos, mas porque é a única saída para tirar o Bolsonaro. E a carta faz parte dessa estratégia”.

AdUFRJ quer ampliar atuação do setor jurídico

> Serviço, hoje voltado para questões trabalhistas, completa 31 anos de parceria com o sindicato. Direção pode incluir demandas ligadas a planos de saúde e compras para atividades acadêmicas

KELVIN MELO
kelvini@adufrrj.org.br

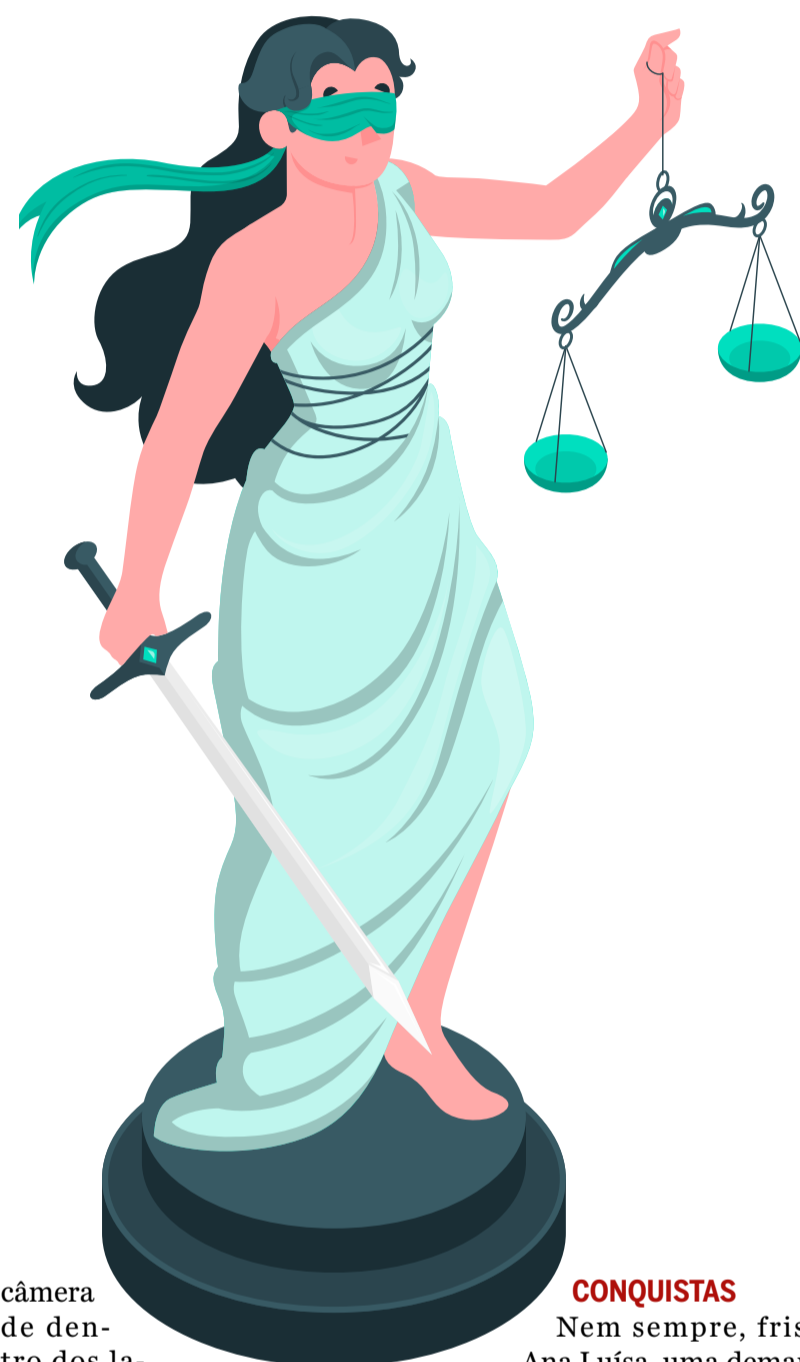
Um dos serviços mais importantes oferecidos pela AdUFRJ, o atendimento jurídico pode ganhar novas demandas em breve. “Estamos pensando em ampliar a oferta de serviços jurídicos para outro tipo de questão que não seja trabalhista. Por exemplo, se o docente tiver problema com plano de saúde”, afirma o presidente do sindicato, professor João Torres.

“Estamos estudando a mudança. Vários colegas também têm dificuldades com compras relacionadas ao trabalho. Eu mesmo comprei um computador para o meu grupo de pesquisa e não entregaram. Mas não temos suporte jurídico para enfrentar este problema”, diz.

A ideia é potencializar uma parceria que completa 31 anos em 2022. E que precisou crescer, durante a pandemia. “Hoje temos um conjunto de demandas maior que antigamente. A universidade vem alterando as normas sobre progressão e o governo Bolsonaro endureceu as exigências para aposentadoria, com a emenda constitucional nº 103, de 2019”, exemplifica a advogada Ana Luisa Palmisciano.

Tempos tão difíceis levaram à ampliação dos plantões jurídicos mantidos pelo sindicato. Antes da pandemia, os advogados atendiam os professores presencialmente na sede da AdUFRJ, no Centro de Tecnologia, às terças pela manhã, durante quatro horas; e de quinze em quinze dias, às sextas-feiras, por três horas. Com o início do isolamento social, o serviço foi feito por telefone ou e-mail até 28 de abril, quando passou a ser oferecido pela plataforma Zoom. Desde dezembro de 2020, os plantões acontecem todas as terças-feiras, pela manhã, e às quintas-feiras, durante a tarde.

Mesmo com o retorno das atividades aos campi, os plantões continuaram online. “Eles eram presenciais no Fundão, o que não facilitava para todos os professores. O Zoom democratizou o atendimento”, explica Ana Luisa. “Os professores ligam a



câmera de dentro dos laboratórios, dos gabinetes, da Praia Vermelha, de Macaé ou de Caxias. Podem estar no exterior também. Atendemos pessoas que estão afastadas por licença, fora do país”, completa.

A agilidade do novo formato se reflete em crescentes números de atendimento: de 291, em 2020, para 586 em 2021. Até esta semana, já são 416 atendimentos em 2022. “Os professores se sentem muito acolhidos. Temos uma grande procura. Os plantões costumam ficar bem cheios”, afirma Ana Luisa. “Mas não temos fila. Vamos encaixando assim que possível nos horários”.

A diretoria também estuda a volta de alguns plantões presenciais para contemplar professores que não se sentem confortáveis ao falar de temas sensíveis à distância. “É importante preservar boas experiências utilizadas na pandemia, como os encontros online. Mas, para tratar de alguns assuntos muito pessoais, alguns docentes podem achar melhor o atendimento presencial”, afirma a vice-presidente da AdUFRJ, professora Mayra Goulart. “Além disso, há colegas com dificuldades para usar essas novas tecnologias”.

que não oferecem o dispositivo, o docente é reposicionado no início da carreira. “O professor que vem como Associado I continua como Associado I”, exemplifica a assessora.

Entre as conquistas judiciais, Ana Luisa destaca a liberação de recursos do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), quando os professores, então celetistas, migraram para o atual Regime Jurídico Único dos servidores federais, em 1990. Ainda em fase de execução do pagamento, existe a ação dos 3,17% — um reajuste que não foi repassado aos docentes em 1995, na conversão da moeda para o Real. Também houve a liminar que equiparou os ganhos dos aposentados com os ativos em relação à já extinta Gratificação de Estímulo à Docência (GED), em 2004. Os atrasados desta equiparação estão agora em fase de execução individual para 200 professores. “Temos hoje 461 ações em andamento, sendo 200 referentes aos atrasados da GED”, afirma Ana Luisa.

Para dar andamento a este conjunto de ações e permanecer antenado com qualquer mudança legislativa, o escritório Machado Silva & Palmisciano mantém mais de 20 profissionais. Além disso, os 12 advogados do grupo fazem parte do Coletivo Jurídico do Andes e do Coletivo Nacional de Advogados de Servidores Públicos (CNASP). “Fazemos encontros anuais, temos debate grande com a Academia. Temos uma produção acadêmica sobre essa assessoria de serviço público”, explica Ana.

A assessoria jurídica oferece orientação sobre carreira, liberdade de cátedra, questões de aposentadoria e normativas da universidade. Ajuda até mesmo na mediação de eventuais conflitos com alunos e na contagem de tempo anterior ao trabalho na universidade. “Chamo atenção, nos últimos tempos, sobre as questões de insalubridade no local de trabalho”. Interpre-

COMO AGENDAR HORÁRIO NO PLANTÃO JURÍDICO

■ O atendimento é feito pelo aplicativo Zoom, entre 8h e 11h30, às terças-feiras. Às quintas-feiras, o plantão ocorre a partir de 12h30. Se você ainda não conhece o aplicativo, acesse www.zoom.com e instale em seu computador ou celular gratuitamente.

tações restritivas da legislação e falta de equipamentos e de pessoal no órgão da reitoria responsável pelos laudos impedem que dezenas de docentes recebam os adicionais a que têm direito. “Fizemos um trabalho para mapear os casos. Não conseguimos uma solução geral ainda junto à administração central, mas já conseguimos sentenças favoráveis em ações individuais”.

ELOGIOS

A professora Glória Sydenstricker, aposentada da Faculdade de Letras e sindicalizada da AdUFRJ desde 1979, derrama elogios à assessoria jurídica. “Sou muito grata a eles pela experiência, honestidade, dedicação e atendimento. Qualquer e-mail que eu mando é imediatamente respondido. É nota 100”. Aos 85 anos e mesmo com alguma dificuldade com as novas tecnologias, a docente aprovou a mudança dos plantões jurídicos para o formato online. “Para nos deslocarmos para o Fundão, é difícil. Eu não dirijo mais. Dependeria de alguém para me levar. Acho esse serviço online excelente”.

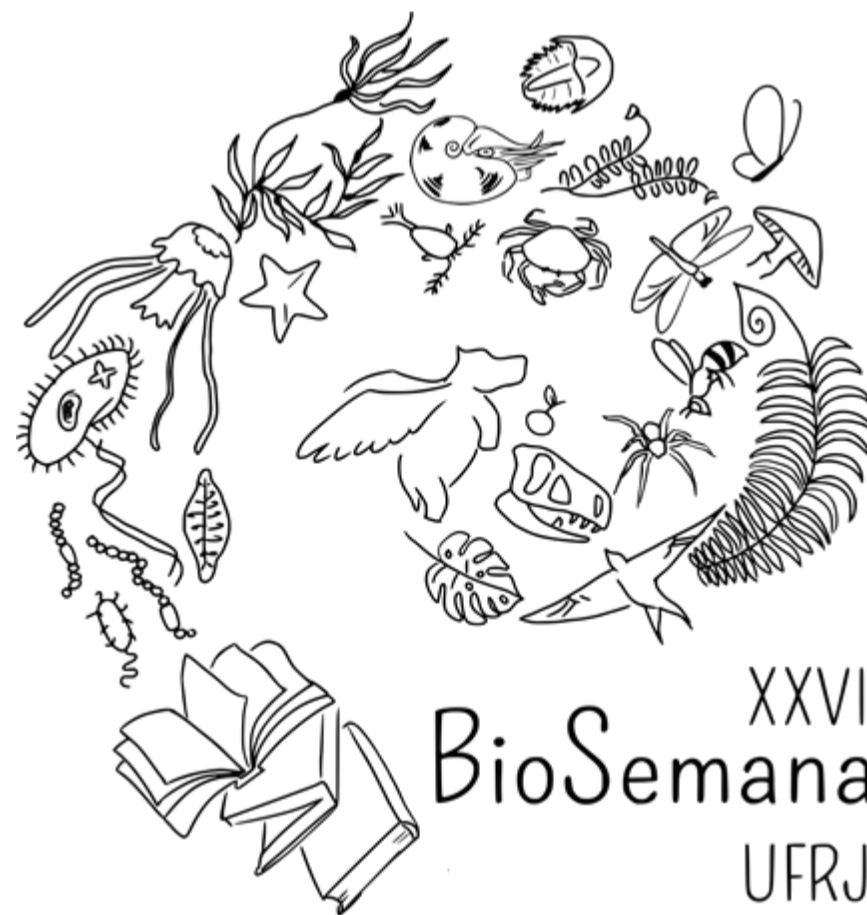
“São sempre superatenciosos, dedicados ao que fazem. Nunca tive problema com marcação de plantão, atendem com celeridade”, reforça a professora Andrea João, da Escola de Educação Física e Desportos, sindicalizada desde 2005. “Uso o jurídico muito como aconselhamento. Às vezes, precisamos de um olhar mais técnico sobre a legislação. Sempre me dão orientação. Agora mesmo, com a mudança da lei da Previdência, que foi muito confusa, pedi orientação para saber se me encaixo em alguma regra de transição, se já tenho tempo para me aposentar”, completa. A docente também elogia a mudança do formato do plantão. “O atendimento online evita o deslocamento.

Ajuda bastante, porque a gente tem um dia a dia atarefado”.



Evento convida estudantes a explorar áreas da Biologia

> Vigésima sexta edição da BioSemana da UFRJ recebe quase 300 inscrições mesmo durante o recesso. Organizada por alunos do curso, atividade abriu espaço para debates, palestras e oficinas



ESTELA MAGALHÃES
estela@adufrrj.org.br

Deos recifes às florestas, do genoma ao ecossistema e da cabeça aos pés, a 26ª BioSemana da UFRJ trouxe oficinas, debates e palestras sobre as mais diversas áreas da Biologia ao CCS entre os dias 15 e 19. O evento, totalmente organizado por estudantes do curso, teve sua primeira edição presencial desde a pandemia e contou com quase 300 inscrições mesmo durante o recesso da universidade. “É louvável que os alunos estejam animados e organizando eventos como a BioSemana mesmo nesse clima triste da universida-

de. Não podemos deixar a peteca cair com os ataques e cortes que tentam fazer a UFRJ parar”, disse o professor José Garcia Abreu, diretor do Instituto de Ciências Biomédicas. Ele participou de uma mesa-redonda com o tema “Edições genéticas em humanos: um debate ético”, que discutiu as implicações da edição do genoma humano. “Se uma pessoa nasceu com um gene que representa uma doença, é possível alterar o gene defeituoso. Mas, nas mãos erradas, pode gerar a busca pelo ‘ser humano perfeito’, que tem muitas implicações negativas para a humanidade”, ponderou. “A gente está no auge da nossa sede por conhecimento, e especialmente durante a graduação precisamos de uma visão muito

ampla para saber escolher o que a gente gosta dentro da Biologia”, disse Luiza Anselmini, estudante da comissão organizadora do evento. “A BioSemana permite que a gente veja todas as possibilidades e que se conheça melhor nesse sentido”, completou.

A professora Mariana Moncassim Vale, do Instituto de Biologia, participou do evento e teve a oportunidade de ver vários alunos que conheceu nos cursos online. Ela integrou a mesa “A Influência da Indústria Agropecuária na Crise Ambiental”. “A agropecuária é um vetor muito importante de degradação ambiental, com várias consequências para as mudanças climáticas, porque a maior parte das emissões de gás estufa do Brasil vem do desmatamento. É um tema muito importante para quem está cursando Biologia, sobretudo aqueles que têm interesse em conservação ambiental”, explicou.

A mesa também foi composta pelo professor Cesar de Miranda e Lemos, do Instituto de História. Ele destacou a importância do encontro entre diferentes disciplinas que o evento promove. “Dentro da academia vamos sendo encaminhados para áreas cada vez mais específicas, e quando somos convidados para falar fora das nossas caixinhas aprendemos a pensar também nos interesses dos outros”, disse. A estudante Rachel Soutelinho, da comissão organizadora, valoriza a interdisciplinaridade entre os participantes do evento também. “Seria muito legal se

estudantes de outros cursos,

“É muito importante que os alunos tenham momentos como esse para ver que pertencem a uma comunidade”

GABRIEL CARNEIRO
Aluno do curso de Biologia da UFRJ

de outros campi, viessem participar da BioSemana. Já temos eventos interdisciplinares com a Geografia e até algumas áreas do CCMN. Pensamos em abranger mais cursos no futuro”, disse.

Além deste evento, os estudantes de Biologia organizaram as Pré-BioSemanas I e II, compostas por minicursos para atender à demanda dos participantes. “A BioSemana é uma queridinha do pessoal da Biologia, tanto que as vagas para os minicursos se esgotavam em cinco minutos. Nossa solução foi criar dois eventos menores, só aos finais de semana, para funcionar como um ‘esquentado’ para o evento principal”, contou Rachel.

Para a comissão organizadora, o sentimento de orgulho e aprendizado é o que prevalece. “Os participantes estão fazendo várias perguntas nas palestras e os minicursos estão bem movimentados. Dá muito orgulho ter participado da organização de um evento dessa importância”, disse o estudante Vinícius

Oliveira. “A gente aprende ainda mais do que quem só participa. É muito bom poder ter essa experiência de organização de eventos na graduação”, avalia o estudante Gabriel Carneiro. “A BioSemana é um grande momento de integração entre o corpo discente, é muito importante que os alunos tenham momentos como esse para ver que pertencem a uma comunidade”, completa.

RETORNO PRESENCIAL

Estudantes e professores estão felizes em estar de volta presencialmente na BioSemana pelos blocos, auditórios e salas no CCS, já que as edições do evento de 2020 e 2021 foram totalmente virtuais. “Não engaja tanto no online. As pessoas não vão assistir ao dia inteiro de curso, depois palestra, mesa-redonda e mais curso, é muito chato ficar o dia inteiro olhando para a tela do computador”, disse Luiza Anselmini.

“Era difícil imaginar a BioSemana acontecendo online, porque o contato e a troca de vivências representam a essência do evento. Claro que foi diferente, mas o ambiente virtual trouxe possibilidades de ampliar o evento, tanto que as nossas edições online contaram com a participação de pessoas que estavam fora do Rio, até mesmo fora do Brasil”, disse João Caetano, organizador da BioSemana. Nesta edição, as palestras foram gravadas e serão disponibilizadas online. “Estamos resgatando aspectos positivos do evento online e trazendo para o presencial”, completou.

VIROU LUZ

Alex batiza novo vaga-lume

LUCAS ABREU
lucas@adufrj.org.br

Meu filho tinha muita luz". A frase entrecida é de Mausy Schomaker, mãe de Alex Schomaker Bastos, estudante de Biologia da UFRJ assassinado em uma tentativa de assalto próxima ao campus da Praia Vermelha, em 2015. Um grupo de jovens pesquisadores decidiu celebrar a memória do colega batizando uma nova espécie de vaga-lume, um animal que emite luz própria, como *Amydetes alexi*.

A iniciativa partiu de um grupo de pesquisadores do Laboratório de Entomologia do Departamento de Zoologia do Instituto de Biologia da UFRJ. O animal foi descoberto na região do Parque Estadual da Pedra Branca, na Zona Oeste do Rio. A descoberta foi registrada no fim de julho pelos pesquisadores brasileiros em um artigo na revista *Zookeys*.

"O meu filho amava a UFRJ e o Colégio de Aplicação. Amava a Ciência. Agora o nome dele está ligado à Ciência e à UFRJ. Ele e o pai [Andrei Bastos, o pai de Alex, faleceu em 2018] devem estar rindo lá em cima", disse Mausy, que nunca se recuperou da dor pela perda do filho. Ela foi avisada da homenagem antes mesmo da publicação do artigo.

"O Alex acreditava que era preciso lutar pela Educação e pela Ciência. Ia fazer mestrado na área de Educação. Eu tenho uma tristeza imensa de viver em um país em que a Ciência, a Pesquisa e a Educação estejam tão relegadas", ela acrescentou, criticando a política de cortes promovida pelo

governo Bolsonaro. "Se essas áreas fossem tratadas com importância, a violência diminuiria, porque a Educação dá oportunidade para as pessoas serem melhores", disse a mãe, consternada.

A ideia de homenagear Alex partiu de Stephanie Vaz, amiga do estudante e doutoranda em Ecologia, que também assina o artigo. Ela faz parte do grupo de pesquisa que descobriu a nova espécie de vaga-lume. "Eu fiz dois semestres de faculdade na Unirio e lá eu estudava insetos. Quando me transferi para a UFRJ eu me afastei da área. E foi o Alex que me apoiou a voltar para Entomologia", contou a Stephanie. "Eu não gostava de Genética, que era a área dele, e ele não gostava de Zoologia, minha área. Nós brincávamos um com o outro com essa diferença", lembrou.

Embora não fossem do mesmo período, Stephanie e Alex ficaram amigos logo depois que se conheceram, durante uma saída de campo do curso, em 2013. "O Alex era monitor, e me ensinou técnicas importantes naquela ocasião. Ficamos amigos ali mesmo", contou Stephanie. A escolha da espécie para homenagear Alex não foi por acaso. A doutoranda contou que já tinha decidido fazer a homenagem desde 2015, e começou a trabalhar com catalogação de novas espécies em 2018. Mas havia dois requisitos que deveriam ser cumpridos para a escolha da espécie certa. "Eu

criei dois critérios na minha cabeça: ela tinha que ser do Rio de Janeiro, como o Alex, e tinha que ter bioluminescência (a capacidade de emitir luz própria)", contou. "Eu vejo por trás disso uma simbologia. O vaga-lume é um ser lindo demais de ver no campo, que está no nosso imaginário afetivo. Prestar essa homenagem para o Alex foi uma honra, porque ele também era especial, e me inspirou a voltar a estudar insetos".

A IMPORTÂNCIA DOS VAGA-LUMES

O pesquisador Lucas Campello, que faz parte do grupo que identificou e catalogou o *Amydetes alexi*, é mestrando e estuda Entomologia no programa de Biodiversidade e Biologia Evolutiva do IB, em 2017. Ele explicou que o diferencial da nova espécie é a combinação das suas características com a localidade em que ela foi encontrada. "Boa parte do nosso trabalho é descrever novas espécies e estudar o relacionamento entre as espécies, por isso vamos muito a campo", explicou Lucas.

O estudo dos vaga-lumes ainda é um campo pouco explorado no Brasil, especialmente por considerar que o país, por suas características ambientais, abriga diversas espécies do inseto. Isso significa que há ainda uma enorme oportunidade de desenvolvimento de novos conhecimentos

sobre o animal. "Vaga-lumes podem ser uma nova fronteira do conhecimento, e ajudar a desenvolver outros campos científicos", explicou Lucas. "Recentemente, estudos sobre bioluminescência de uma espécie de vaga-lume serviram para ajudar a criar um tipo de teste para a detecção de covid-19", contou o estudante.

Para o professor José Ricardo Merdudes, coordenador do Laboratório de Entomologia do Departamento de Zoologia, é muito gratificante poder ver o desenvolvimento da pesquisa dos alunos. "O grupo de estudos de vaga-lumes hoje tem um panorama muito bacana. Alunos como a Stephanie, o Lucas e o André [Diniz], que também assina o artigo [e descobriu a espécie], ajudam a promover esta linha de pesquisa", celebrou o professor.

Mas a fronteira para a pesquisa desse tipo de inseto ainda está distante. "A diminuição dos recursos para pesquisas nos últimos quatro ou cinco anos reduziu muito a quantidade de novas espécies descritas. Seria possível descrever cinco, talvez dez novas espécies por ano", explicou o professor José Ricardo, que fez questão de elogiar os pesquisadores do seu laboratório. "São excelentes coletores, estão sempre fazendo pesquisa de campo", contou.